

O FOLCLORE MÁGICO EUROPEU E A IGREJA

Betania Maciel¹

Resumo

A perseguição organizada para extinção das bruxas não é um fenômeno do período do começo da Idade Média, mas sim da era medieval desde a época da Reforma. Para explicar esse fato, primeiramente devemos ter bem claro a relação entre as crenças populares e as práticas mágicas que existiam na realidade da vida cotidiana nas aldeias e a superestrutura teórica que a igreja criou e que interpretava e sistematizava essas crenças sob a forma de um “culto satânico”. Os estudiosos que examinaram cuidadosamente os relatos sobre os juízos contra as bruxas encontraram pouca evidência da existência de assembleia de bruxas ou de que estas funcionavam na realidade em grupos organizados. As idéias que as bruxas constituíam uma associação diabólica organizada que possuía líderes e organização (*assembleia*), que realizavam cultos noturnos (*Sabbat*) e que possuíam rituais (*Osculum Profanum do diabo*: que significava o repúdio do cristianismo e a eleição de uma crença demoníaca, alimentos, profanos e orgias) são idéias que estavam na imaginação dos inquisidores. Baseado nesse pressuposto, desenvolvemos um estudo que se refere ao fenômeno da bruxaria, tanto porque se conhece popularmente muita coisa sobre esse tema e também por sua importância histórica e os reflexos que a igreja e o folclore europeu foi responsável por tantas crendices. Essa pesquisa também trata de desenvolver um estudo midiático sobre os fenômenos de crença nas bruxas, sua transformação em um culto satânico e trataremos também de algumas razões relacionadas às mulheres e suas práticas médicas que, muitas vezes, são tratadas como vilãs estereotipadas.

Palavras chaves: Crenças populares. Fenômeno da bruxaria. Estudo midiático de crenças folclóricas.

¹Doutora em Comunicação Social Professora de Teoria da Comunicação e Teoria e Método de Pesquisa em Comunicação nos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda da AESO/CESBAM – Centro de Estudos Superiores Barros Melo.

1. Introdução

A idéia de que as bruxas eram mulheres que faziam parte da comunidade é mais antiga que o cristianismo. Os caçadores de bruxas e a idéia pejorativa de alguns homens que queriam manter o poder das conversações, da política e da terra na idade média sempre se referiam com satisfação falando coisas desse tipo “onde há muitas mulheres, há muitas bruxas” chegam a elevar à categoria de lei o Velho Testamento onde diz: “você não permitirá que uma só viva” No Velho Testamento o vendedor de amuletos, poções e conhecimentos subjetivos quase sempre é uma mulher, por exemplo, a Endora, que Saul sempre consultava sobre as questões da organização.

Há várias razões que eles explicam por que as mulheres aparecem nessas listas. Uma razão é que as bruxas (mulheres) intervêm diretamente no nascimento e na morte quando se dedica aos cuidados dos enfermos, o domínio crônico, a medicina, a atenção nos partos – tudo surge das listas femininas de mãe, cozinheira, farmacêutica, símbolos dos poderes da mãe e da terra. Em segundo lugar, a exclusão das mulheres do sacerdócio oficial que concede aos homens os poderes de caçar, escrever, ler e reinar, empurrando o carisma das mulheres para o domínio também dos homens, sem nenhuma pré-autorização, onde eles as consideram subversivas, embora elas possam substituí-los na falta de quem realmente realize esses feitos.

O judaísmo e outros sistemas clássicos de leis religiosas enfatizaram o demoníaco caráter das mulheres relacionado à menstruação que as estigmatizaram como “sujas”. As racionalizações higiênicas não podem explicar este conceito. Na origem, a idéia de sujeira é mágica em alto grau. O sangue das mães é uma substância negativa e perigosa. A superstição que o leite cruza, a grama murcha e as vacas falham na presença de uma mulher que está menstruada e que homens não ousam vir a chegar mais intimamente a elas sem pôr em perigo sua saúde e principalmente seu poder, isso tudo, revela o caráter mágico do conceito da “maldição”. No folclore, o sangue menstrual é um ingrediente central das poções mágicas. O cristianismo acreditava que os judeus usaram o sangue nos venenos que causaram a “morte preta”. A maléfica (é denominado deste modo a peste que arrasou a Europa no século XIV) caracteriza-se pelas hemorragias na pele que formavam manchas

pretas grandes), as responsáveis são as bruxas que contaminavam as pessoas com seu sangue maléfico. Estas ideias têm raízes profundas na ideia de demonização da sexualidade feminina mas, nas origens, esses tabus tiveram um caráter sagrado positivo. Porém, quando o poder materno era reprimido no patriarcado, era então a parte negativa do sangue das mães e o mistério do sangue feminino, considera-se que sua magia estava poluindo e trazendo o mal para a comunidade. A supressão da sacralidade feminina opera como antítese em relação à sacralização do poder masculino nas classes autorizadas de balconistas até a de padres. Tudo isso surgiu como ideia para se estabelecer a exclusão das mulheres de seus documentos anexos sagrados. O cristianismo herdou e manteve a mesma antítese entre a pureza dos santuários masculinos e as sujeiras femininas que, de preferência, ficasse distante do clero, obviamente para não existir a possibilidade de dividir o poder.

Além desta herança do judaísmo, o cristianismo somou seus próprios desenvolvimentos de ideias que exaltam a associação das mulheres com o demônio. O Novo Testamento apresenta um mundo possuído pelos demônios. O próprio Jesus opera como exorcizador. Como outro sectarismo apocalíptico, o cristianismo dividiu o mundo humano e angelical em dois campos contrários: o Reino da Luz e o Reino da Escuridão. O livro da Revelação chama aos judeus “uma sinagoga de Satanás” (2:9), termo que a Igreja também usaria para marcar os hereges e as bruxas.

A visão da Igreja para o mundo greco-romano também é caracterizada pelo bem e o mal, o santo e o demônio. Na maior parte da teologia cristã, os deuses pagãos eram demônios. Quando o cristianismo avançou para o norte da Europa continuou considerando a cláusula em sua missão, que a religião das cidades que tentaram converter para o cristianismo eram diabólicas. A conquista dos cultos pagãos era a conquista do culto de Satanás. Criou-se uma divisão entre o círculo de luz que a Igreja representou e o extraia da escuridão que o Cristo ainda não tinha conquistado. Também foi identificado a esta antítese com o dualismo ascético entre a carne e o espírito. As Crianças da Luz mortificam a carne e elas aspiram a “vida angelical”. As Crianças da Escuridão são representadas como “carnal”. Expressam que todos os enganosos são libidinosos. Os Pais da Igreja, especialmente João Crisóstomo, estabelecia uma concepção dos judeus como orgiásticos: esta difamação

também foi premiada ao herético. Mas, a bruxa seria a fantasia fundamental do orgiástico diabólico.

2. Mulheres vilãs estereotipadas

O cristianismo ascético também identificou a divisão entre a carne e o espírito com a feminilidade e a masculinidade. Acreditava-se que as mulheres também eram capazes de praticar a espiritualidade. Mas, a identificação da mulher com o lado carnal criava um dualismo uma estimacão assimétrica das mulheres com relação aos homens. Os homens eram “espirituais por natureza”. As mulheres tinham sido as representantes da “carnalidade”. Eles deveriam transcender, não só a natureza corporal, mas também a natureza do “feminino” para poder sobreviver. Até mesmo deste modo, os presentes espirituais só poderiam exercitar depois do véu da reclusão. Até que as virgens deveriam sofrer a “condição imposta” masculina. No aspecto sexual, elas simbolizaram o inimigo da “comunidade angelical”.O escolasticismo medieval afunda o patriarcado e a misoginia. A Igreja também transferiu as tradições judia legendárias que atribuiu a mesma existência dos demônios para o fato de que as mulheres teriam seduzido os anjos. A expansão apócrifa da história da Gênese (6:1-4) também estabeleceu a possibilidade de uma relação carnal entre as mulheres e os anjos caídos. Deste modo, na teologia cristã, a natureza feminina caiu do lado negativo dos dualismos entre a carne e o espírito, entre os demônios e os anjos.

Porém, a perseguição organizada das bruxas não é um fenômeno do patriarcado no período inicial da Idade Média, mas da recente era medieval e do tempo da Reforma. Teoricamente, a superestrutura conceitual que investiga a Igreja interpretou e sistematizou essas convicções debaixo da forma de um “culto satânico”. Os especialistas que examinaram as histórias cuidadosamente sobre as tentativas contra as bruxas acharam pequena evidência da existência das assembléias de bruxas ou que estas funcionavam na realidade em grupos organizados, que significou para o Cristianismo o repúdio e a eleição de um demônio, forjando tais idéias na imaginação dos inquisidores.

É, entretanto, difícil distinguir com clariade entre as fundações originais popular e a superestrutura que os inquisidores criaram porque esta teoria alimentou de forma constante a imaginação secular de um modo de agir e pensar que gerou grupos de culto que

foram modelados de acordo com a teoria oficial. Uma grande parte disso pertence ao século XVII e, até depois, no ressurgimento do século XIX. “Os rituais, sobre as bruxas como a Massa Preta, não fizeram parte da teoria medieval, mas foram criados ao término do século dezoito”. Os apaixonados por esses estudos sobre bruxas no século XX, como Margaret Murray, interpretaram a feitiçaria como se fosse uma religião pré-cristã matriarcal. Algumas feministas adotaram esta posição e acabaram considerando as bruxas sócias de uma religião feminina dissidente da Igreja. Qualquer esforço para alcançar uma visão exata do fenômeno da feitiçaria por esses períodos debita um lado para rejeitar muitos estratos de ideologia tendenciosa.

3. Realidade X Informação popular

Parece que é possível distinguir três tipos de idéias relacionadas à prática pelo menos fizeram na realidade parte das informações populares nas quais os clericais teóricos construíram a concepção da feitiçaria como uma religião satânica. No primeiro lugar, eles eram estratos das sobrevivências do paganismo europeu. Elas não eram uma religião sem igual e eles não tiveram nenhum padre oficial. Quando a Igreja conquista as cidades européias, no curso de mil brigas, o interesse era destruir o culto oficial e o sacerdócio que sancionou o poder político e transferiu a fidelidade à classe dos líderes da Igreja.

Os que sobreviveram, então, não faziam parte do culto oficial, mas àquele estrato de religião que pertence à vida diária do aldeão, os rituais da casa e da vida rural, para que a cidade praticasse mesmo a religião. Especialmente, as cerimônias de grupos – que foram ligadas à caça, aos aldeões da agricultura, festivais, festas da colheita, freqüentemente com muita bebida e excitação sexual – deram ao aldeão um estilo de vida, um modo de celebrar as vitórias da sobrevivência, de relaxar as tensões que vêm do trabalho e da adversidade. O cristianismo oficial não teve qualquer dúvida que os deuses dessas religiões primitivas fossem “demônios”. A Igreja estava satisfeita por ser capaz de erguer uma superestrutura do cristianismo com tudo, na prática, e na tomada da vida rural, na coisa superficial, debaixo da égide da Igreja. Ainda quando os clérigos se referiam a esses aldeões práticos, eles apenas conheciam a terminologia popular. Como homens, de educação latina, eles

recorrem a isso de um modo típico por meio de nomes e mitos que extraem da literatura clássica”.

Um segundo tipo de fenômenos que podemos chamar seria a magia popular. Apresentavam claramente a idéia que uma multidão de espíritos povoou a terra, o ar e o mundo subterrâneo. Esses seres poderiam ser maléficos ou benéficos. Eles poderiam estar apaixonados por brincadeiras mais dóceis. Tais idéias sobrevivem nas histórias européias de fadas, gnomos, duendes ou gigantes. Faz parte do folclore europeu que até hoje a mídia coloca em evidência quando apresentam as negações desses quando mulheres almejam posto de destaque na sociedade. Hoje sabemos que grande parte do desenvolvimento da Europa se encontra, em sua maioria, nas mãos de mulheres, estejam elas à frente da produção de alimentos como de postos de direção e isso tem uma causa muito clara, diria ainda mais contundentemente, causas relacionadas às guerras e também à organização que as mesmas vêm desenvolvendo deste o final do século XIX.

Acreditava-se que a magia era uma forma básica de administrar os problemas da vida diária. A violação desta distinção, por parte dos inquisidores, destruiu a economia básica do aldeão que, entretanto, não desenvolvia uma prática contra a feitiçaria.

Os inquisidores também acusavam mulheres que praticavam o “satanismo”. Eram formas de interpretar e chamar a atenção para as superstições populares. Merecem ser mencionadas aqui duas idéias que explicam as interpretações que a teoria clerical fazia deles. As celebrações agrícolas noturnas poderiam ter contribuído a este conceito das bruxas que vão para o *Sabbat*. Mas, a idéia de uma reunião noturna poderia originar uma interpretação literal dos sonhos. Nas religiões de uma forma geral – por exemplo a Índia americana – as aventuras que acontecem nos sonhos são consideradas com seriedade e elas são avaliadas. São utilizadas drogas e rigores especiais para induzir estes sonhos. Os aldeões europeus poderiam ter tido métodos semelhantes para causar sonhos com bastante aventura.

Uma convicção popular importante, em segundo lugar, é a interpretação das fantasias sexuais noturnas como relações sexuais com os demônios. Tanto os judeus da Idade Média, como os cristãos, compartilhavam a interpretação das fantasias sexuais como relações, sucumbindo e sumindo com as vítimas. As perdas seminais noturnas masculinas foram consideradas como a evidência de ter mantido relações sexuais com um demônio

Chamado “*Lilith*, a figura feminina do demônio”. Estas experiências foram consideradas perigosas. A pessoa que dormia deveria levar precauções especiais contra tais visitas noturnas. Esta era a idéia que os inquisidores aumentaram no dogma do pacto satânico entre a bruxa e o demônio. A convicção popular não considerou esses demônios como o diabo, mas algo como espíritos perigosos, mas o detinham indagando ao fundo a experiência diária que poderia aumentar o grau supremo pela culpa, mesmo não acontecendo nada. Considerando que qualquer um pudesse experimentar tal experiência de sonhos noturnos de erotismo, uma vez que esta experiência tivesse acontecido, a pessoa interpretava como se tivesse tido uma relação sexual com o diabo, um medo crescente da imaginação então invadiu a cidade. Começaram a interpretar, desta forma, as fantasias noturnas como culpadas, debaixo da coerção da tortura e deste modo, de um certo interrogatório, muitos sofreram com tais sonhos.

O conceito de relação carnal com o demônio era central na visão que os inquisidores tiveram da bruxa como aquele satanismo que havia formalizado um pacto com o demônio, marcada pela relação sexual. O fato de obter a confissão de ter mantido relações sexuais, com o demônio para possibilitar condenação das bruxas, as figuras femininas que se destacavam na comunidade. Parece que isso aconteceu deste modo porque a Igreja considerou a figura do diabo masculina, assim suas amantes tiveram que ser as mulheres (o diabo é um heterossexual, um rígido!) e também porque os únicos clérigos consideraram que as mulheres eram modelo de luxúria carnal insaciável. Herança total do misoginismo é evocada para mostrar porque as bruxas eram do sexo feminino.

Algumas idéias sobre as mulheres que ainda se comenta como resultado de crenças populares: quando uma mulher pensa só, sem a orientação de um homem, ela pensa na injustiça. As mulheres impressionam mais que os homens e são mais predispostas a receber influência, são mais frágeis às bebidas alcoólicas, também às porções de magia. Elas têm idiomas particulares, específicos, uma forma de se comunicar inconstante e peculiar. Como elas são fracas, elas acham um modo fácil e secreto de retaliar na feitiçaria. Elas são mais fracas, não só no corpo, mas também na alma. Não é surpreendente que elas caiam na feitiçaria. Para a inteligência ou à compreensão das coisas espirituais, parece que elas têm uma natureza diferente dos homens para isso. As mulheres são como meninos na esfera intelectual. Deveria ser notado que há um defeito primeiro na formação da mulher, desde

sua formação, a partir da costela curvada, a costela do tórax que dobra em sentido contrário no homem... E a partir do primeiro defeito na inteligência elas são inclinadas sempre a renunciar à fé, deste modo, por meio do segundo defeito ela é inclinada às paixões, elas meditam para infligir vinganças diversas, ou por meio da feitiçaria ou por muitos outros meios. Por isso não surpreende que uma quantidade tão grande de bruxas existe neste sexo... As mulheres têm a memória mais fraca e têm um hábito ruim natural, são indisciplinadas, seguem os próprios impulsos sem se lembrar do que é apropriado. Mente por natureza... Considere o modo de caminhar, a atitude e a engrenagem e mais, o que é ainda pior, a vaidade, as vaidades... A mulher é um poço de segredos e intenções. Para satisfazer seus desejos elas fazem acordo com os demônios.

Os inquisidores da idade média deram uma definição de mulher: “o homem defeituoso”, defeituoso no lado intelectual, moral e biológico, de acordo com a ordem da natureza, e sujeito à luxúria desordenada na desordem. Demonstrou que a apostasia é inerente à mesma natureza daquele ser que é do sexo feminino. Os escritores concluem a parte que recorre à causa que as bruxas são as mulheres com a declaração que qualquer coisa é tão insaciável quanto “a boca do desejo”. Era hábito se referir às bruxas como mulheres nos tratados para a caça de bruxas que incluíram uma seção que demonstrou que as bruxas eram do sexo feminino a partir do “natureza” das mulheres.

Durante os primeiros séculos em que as tentativas foram desenvolvidas contra as bruxas, o número de homens julgados era semelhante ao de mulheres. Porém, a teoria oficial definiu a bruxa como mulher, em geral. A acusação ficou predominante contra as mulheres na caça maior de bruxas que começaram ao término do século XV e cruzou o século XVII. O aumento da caça de bruxas no período de 1380 a 1480 coincide com uma paranóia que difundiu parte da sociedade européia. Os novos programas e a explosão da histeria coletiva coincidiram com tal crise como o da morte preta, o mundo ficou obcecado pela imagem do diabo.

A Igreja localizou o malefício das bruxas no domínio sexual, sendo elas as responsáveis pelos abortos provocados e também os naturais, esterilidade, contracepção, castração, impotência e também o infecundidade. Os inquisidores descarregam suas emoções com histórias diversas sobre os trabalhos das bruxas que têm como hábito roubar o órgão sexual masculino. Anotamos uma credence popular que se refere à situação dos

homens roubados: um jovem, suspeitando que tinha acontecido com ele um ato de castração, como resultado das atividades de certa bruxa, foi atrás da provável responsável, conversando com ela convenceu-a de que não queria ser seqüestrado para viver na maldade, tampouco ser castrado. Ela admitiu as ações e o dirigiu até uma árvore onde acharam um ninho cheio com pênis que se moviam como pássaros. Ela lhe falou que poderia levar o que quisesse, mas não “o maior” porque este pertencia ao padre de paróquia da aldeia.

Os métodos de tortura também refletem esta preocupação pelo desejo sexual na perseguição das bruxas. A relação sexual com o diabo era prova que o demônio marcava, a bruxa, um sinal que ela era da propriedade dele. Nas mulheres, isto aconteceu em geral no tórax ou nos órgãos genitais. Também foram acreditados que as verrugas pequenas no corpo eram mamilos.

Tanto os caçadores de bruxas católicos como os protestantes insistiram que não havia diferença entre uma bruxa que praticava a magia branca e a que praticava a magia preta, não importavam se era bruxa do bem ou do mal, tinha que matar todas, porque o pecado da feitiçaria não consistia em levar a cabo ações más, mas imediatamente de apostasia com o diabo que tornou possível que a magia existisse. Neste aspecto, os caçadores de bruxas diferentemente das práticas populares não poderiam gerar acusações particulares e eles converteram a convicção popular existente em uma agressão geral para qualquer pessoa relacionada com tal prática.

Conclusão

Podemos reconhecer um acoplamento de reunião social e elementos sexuais algo semelhante nas formas medievais e modernas de paranóia. É considerado ao grupo procurado como destrutivo da autoridade estabelecida pelo consentimento social e zombeteiro das moralidades sexuais. Preocupa-se muito pouco o fato de que os judeus não levaram a cabo orgias na Idade Média, que o herético procura pela Igreja praticando um asceticismo muito rígido e que o comunismo oficial é muito puritano. Sem qualquer variante, a sociedade dominante considera que os agentes dos poderes não são os únicos renegados da fé e da ordem da sociedade, mas também as pessoas que rendem práticas sexuais lascivas e que infetam ao resto da sociedade com uma corrupção que se estende por

todo o grupo alcançando as mais altas esferas. O que achamos aqui é uma ligação entre os aspectos sociais e psicológicos da opressão, uma conexão entre o domínio social e a repressão sexual. Ambas as classes de opressão são projetadas na figura do emissário de cara masculina que é considerado o agente da subversão social e da rebelião sexual. A repressão sexual fantasia no “outro” aquele que pratica atitudes selvagens de todo tipo. As mulheres eram as vítimas diretas desta paranóia ao término da Idade Média, desde que elas não são somente o objeto principal do domínio social, mas também da repressão sexual. Mas, nas ideologias modernas no anti-semitismo e o anticomunismo, a pessoa acha também um antiliberalismo que procura contrariar, entre outras coisas, as idéias de liberação feminina e restabelecendo assim o julgamento das mulheres.

Muito diferente disso é o fenômeno desses movimentos, pois existe neles uma psicologia semelhante que tem raízes numa estranha imagem de ser mesmo diante do cristianismo. O cristianismo, pela tradição, acredita que o Evento Messiânico da salvação final já aconteceu. Foi conquistado pelo diabo e o círculo privilegiado da salvação surgiu na Igreja e na cristandade. Mas como aquela doutrina da salvação já alcançada não pôde incluir a realidade da justiça social, então se retraiu e fica situado em uma graça invisível cuja expressão principal era o corpo da negação. A escatologia, o cristianismo consciente coisificou em uma cultura de repressão sexual. A sujeição social tradicional das mulheres, das baixas classes, e dos criados poderia ser justificado então novamente. A escatologia separada da história tornou-se profundamente uma força conservadora no aspecto social que em uma força libertadora.

Referências

UNDERHILL, Ruth. "Woman's Power". In *Red Man's Religion*. Chicago: University of Chicago Press, 1965.

PATAI, Raphael. "Lilith". In: *The Hebrew Goddess*. Ktav, 1967. Págs. 207-45.

CANON EPISCOPAL. In: H. C. Lea. *Materials Toward a History of Witchcraft* Filadelfia: University of Pennsylvania Press, 1939. I: 178-82.

Malleus Maleficarum. traducción al inglés de Montague Summers. Londres: J. Rodker, 1928. Sección 7; véase también H. R. Hays, *The Dangerous Sex. The Myth of Feminine Evil*. Nueva York: Pocket Books, 1972. Págs. 141-45.

MIDELFORT, C.H. *The feminist stand point*. CA: University Ottawa. R. Ruet, *op. cit.*, caps. 6 y 7. 32 Trevor-Roper, *op. cit.*, págs. 108-15.